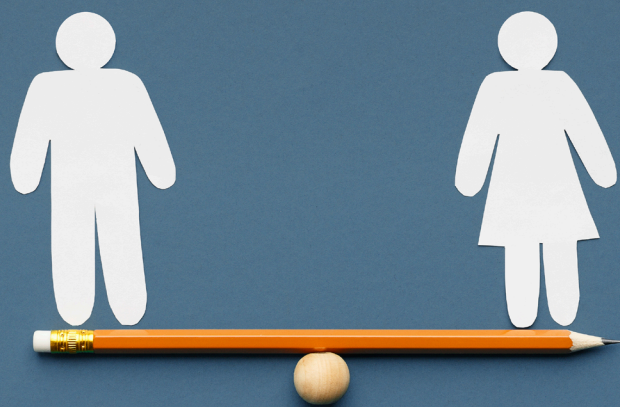


# INOVAÇÃO

# E GÊNERO:

Em busca de um mundo inclusivo

Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti  
(Organizadora)



**Atena**  
Editora  
Ano 2021

# INOVAÇÃO

# E GÊNERO:

**Em busca de um mundo inclusivo**

**Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti**  
(Organizadora)



**Atena**  
Editora  
Ano 2021

**Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

**Imagens da Capa**

iStock

**Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

**Revisão**

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa da Fontoura Custódio Monteiro – Universidade do Vale do Sapucaí  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angéli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo  
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Profª Ma. Adriana Regina Vettorazzi Schmitt – Instituto Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais  
Prof. Me. Alessandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina  
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná  
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará

Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein  
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará  
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz  
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Prof. Me. Marcos Roberto Gregolin – Agência de Desenvolvimento Regional do Extremo Oeste do Paraná  
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará  
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais  
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembí Morumbi  
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília  
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba  
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão  
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Sullivan Pereira Dantas – Prefeitura Municipal de Fortaleza  
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Universidade Estadual do Ceará  
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista



## Inovação e gênero: em busca de um mundo inclusivo

**Bibliotecária:** Janaina Ramos  
**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Maiara Ferreira  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os autores  
**Organizadora:** Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

I58 Inovação e gênero: em busca de um mundo inclusivo /  
Organizadora Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti. -  
Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF  
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader  
Modo de acesso: World Wide Web  
Inclui bibliografia  
ISBN 978-65-5983-261-3  
DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.613211607>

1. Gênero sexual. 2. Inclusão social. I. Cavalcanti,  
Vanessa Ribeiro Simon (Organizadora). II. Título.  
CDD 613.96

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**  
Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, desta forma não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

## APRESENTAÇÃO

### Produzir e difundir conhecimentos: Lentes de gênero e olhares multifacetados

Uma das muitas tarefas de mais simples execução é continuar a reunir exemplos empíricos de como a análise de gênero transformou a teoria e a prática em subcampos específicos da ciência. (SCHIEBINGER, 2001, p. 17).

Nos diversos campos de atuação – político, social, econômico e jurídico – a questão de gênero tem sido tratada e traz contribuições nas vivências e nas experiências de organizações governamentais e não-governamentais, destacadas nas agendas acadêmicas e na elaboração de políticas públicas, bem como em atividades cotidianas e de modos de produzir a vida.

Muito se registra no âmbito dos estudos de gênero, invocando e realizando mudanças metodológicas e epistemológicas significativas. Exigem rigor, apoio comunitário e social, transformações nas mentalidades e criação de espaços de fomentos. Por conseguinte, exigem concomitantemente maior destaque à inovação e à criatividade, seja de equipes ou pesquisadoras/es individualizados. Portanto, não só produzir, mas circular, difundir e educar amplamente.

O eixo temático escolhido para essa coletânea aproveita contribuições e análises interseccionais tanto para o campo da inovação social e organizacional quanto das tecnologias a partir do uso de lentes de gênero para promover relações mais igualitárias e ações inovadoras. Novas direções e novas dimensões são incorporadas no desenvolvimento técnico-acadêmico, impactando em linguagens, metodologias e estudos concretos.

Com capítulos que perfazem interdisciplinaridade e diversidade geográfica de uma país continental, “Inovação e Gênero” assinala níveis de estudos sobre participação das mulheres e de pessoas LGBTQIA+ nas ciências, em suas expressões mais variadas. Matizando e disponibilizando dados empíricos e interpretações, vertentes metodológicas múltiplas, além de elencar a relevância de estabelecer indicadores sobre relações de gênero são encontradas nos textos autorais.

Londa Schiebinger (2020) assinala que desenvolvimento e inovação podem significar impactos sociais e econômicos. Deste modo, as inovações com perspectivas de gênero, podem agregar valor à pesquisa e às ciências, garantindo fatores de excelência (Schiebinger, 2008). Ademais, de qualidade nos resultados e aprimoramento rumo à sustentabilidade, podem impactar nas dinâmicas sociais, tornando processos educativos e de promoção de igualdade de maneira a atender também às necessidades sociais.

Como exemplos de pesquisas mais recentes, essa obra traz descrições e análises sobre criação de sistema de acesso à justiça, uso de plataformas digitais promovendo candidaturas e elaboração de projetos de impactos sociais, mapeamento de contribuições dentro das Ciências Sociais e Humanas no que se refere à divisão sexual do trabalho

e possíveis impactos em categorias relações como família, organizações econômicas e produção local; condições de vida e trabalho no combate às desigualdades, valorizando associações comunitárias e experiências empreendedoras, leituras ensaísticas sobre corpos, sexualidades e liberdades.

Inovações técnico-científicas, em pleno século XXI, já ganham nomeações envolvendo mulheres e gênero. São pequenos passos, relevantes na visibilidade, nas esferas científicas e tecnológicas, mas também apontam decisões políticas e de agendas educativas que promovem e incentivem maior participação (não só a política de presença e representatividade), mas de acessibilidade integral.

Boa leitura e que possamos promover maiores impactos tecnológicos e sociais,

Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti

## **REFERÊNCIAS**

SCHIEBINGER, L. & KLINGE, I. Gendered Innovations: How Inclusive Analysis Contributes to Research and Innovation. Luxembourg: Publications Office of the European Union, 2020.

SCHIEBINGER, L. Mais mulheres na ciência: questões de conhecimento. Apresentação de Maria Margaret Lopes. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.15, supl., jun. 2008, p.269-281. Disponível em <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/LZcRqYbsQR4cxYkgfCGyjyr/?lang=pt>

SCHIEBINGER, L. O feminismo mudou a ciência? Tradução de Raul Fiker. Bauru: EDUSC, 2001.


## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

VIOLÊNCIAS SOBREPOSTAS NA PANDEMIA: O MACHISMO QUE MATA, AS AGENDAS E OS ENFRENTAMENTOS NO BRASIL

Márcia Regina Ribeiro Teixeira


Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6132116071>

### **CAPÍTULO 2..... 15**

FEMINICÍDIO, VIOLÊNCIA DE GÊNERO E A PANDEMIA DO COVID -19


Natalia Battini Simões Leite

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6132116072>

### **CAPÍTULO 3..... 24**

#MÃESNAPOLÍTICA: CANDIDATAS ÀS ELEIÇÕES DE 2018 NO BRASIL


Renata Garcia Senlle

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6132116073>

### **CAPÍTULO 4..... 36**

A DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO A PARTIR DE LEITURAS CLÁSSICAS DO SÉCULO XIX

Bárbara Maria de Lana Luiz

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6132116074>

### **CAPÍTULO 5..... 45**


RELATO DE EXPERIÊNCIA: DESIGUALDADE DE GÊNERO RELACIONADA AO TRABALHO

Isabela Ovídio Ramos

Saygra Batista Sousa

Bruna Alves Pelizon

Álvaro Augusto Trigo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6132116075>

### **CAPÍTULO 6..... 51**

QUEM TRAZ NO CORPO ESSA MARCA POSSUI A ESTRANHA MANIA DE TER FÉ NA VIDA: RELATO DE MULHERES EMPREENDEDORAS DA CIDADE DE ITAPERUNA-RJ

Josélia Rita da Silva


Rafael Soares Salles





 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6132116076>

### **CAPÍTULO 7..... 62**

ANÁLISE CONTEMPORÂNEA SOBRE A DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO A PARTIR DA DÉCADA DE 70

Bárbara Maria de Lana Luiz

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6132116077>

|   |            |
|---|------------|
| <b>CAPÍTULO 8</b> .....   | <b>71</b>  |
| CORPOS, SEXO E GÊNERO EM FACE DO DUALISMO NATUREZA/CULTURA  |            |
| Mariana Fernandes Oliveira Varão  |            |
|  <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.6132116078">https://doi.org/10.22533/at.ed.6132116078</a>     |            |
| <b>CAPÍTULO 9</b> .....   | <b>82</b>  |
| DIGNIDADE DA PESSOA HUMANA DA POPULAÇÃO LGBT E SUA (IN)APLICABILIDADE AO SISTEMA PRISIONAL BRASILEIRO   |            |
| Fernanda Xavier de Souza  |            |
| Marcia Schlemper Wernke   |            |
| Camila Stefanos Oselame   |            |
|  <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.6132116079">https://doi.org/10.22533/at.ed.6132116079</a>     |            |
| <b>CAPÍTULO 10</b> .....  | <b>94</b>  |
| HETERONORMATIZAÇÃO: A CLASSIFICAÇÃO COMPULSÓRIA DOS INDIVÍDUOS NA SOCIEDADE   |            |
| Maria Paula Alves Faria   |            |
| Yanny Ferreira da Silveira  |            |
| Rodrigo Guilherme Tomaz   |            |
|  <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.61321160710">https://doi.org/10.22533/at.ed.61321160710</a>   |            |
| <b>CAPÍTULO 11</b> .....  | <b>103</b> |
| O LOCAL FRENTE AO GLOBAL DESENVOLVIMENTO DAS ECONOMIAS REGIONAIS PELAS ZONAS DE PROCESSAMENTO DE EXPORTAÇÃO (ZPES)  |            |
| Rodrigo Parras  |            |
| Rodrigo Ribeiro de Paiva  |            |
| Elaine Cristina da Silva Zanesco  |            |
|  <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.61321160711">https://doi.org/10.22533/at.ed.61321160711</a> |            |
| <b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....   | <b>120</b> |
| <b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....   | <b>121</b> |

# CAPÍTULO 8

## CORPOS, SEXO E GÊNERO EM FACE DO DUALISMO NATUREZA/CULTURA

Data de aceite: 01/07/2021

**Mariana Fernandes Oliveira Varão**

Universidade Católica do Salvador – UCSal  
Salvador/BA  
<http://lattes.cnpq.br/7677386435426949>

**RESUMO:** O presente capítulo é fruto do estudo sobre as questões de sexo, compreendido como sinônimo de natureza, e gênero, relacionado à cultura, sob uma abordagem feminista e sociológica. Nesse contexto, o corpo seria a matéria em que o sexo estaria inserido e através do qual as identidades de gênero se manifestam, a maneira pela qual o indivíduo se insere no mundo com suas singularidades e subjetividades. Para melhor elucidação do tema, analisou-se os conceitos de performance, performatividade, teoria *queer*, corpos e identidades desviantes, heterossexualidade e maternidade compulsórias. Concluiu-se que o sexo não causa o gênero e este, por sua vez, não se apresenta como uma consequência do primeiro, são categorias independentes, em que homem e masculino pode expressar tanto um corpo masculino quanto um feminino, e mulher e feminino, tanto um corpo feminino como um masculino. Na pesquisa, foi utilizada revisão doutrinária, com contribuições de pensadoras (es) como Judith Butler, Simone Witting, Simone de Beauvoir, Michel Foucault e Bourdieu.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gênero. Sexo. Natureza/Cultura. Corpos.

### BODIES, SEX AND GENDER IN FACE OF NATURE/CULTURE DUALISM

**ABSTRACT:** This chapter is the result of a study on the issues of sex, understood as a synonym of nature, and gender, related to culture, under a feminist and sociological approach. In this context, the body would be the matter in which sex would be inserted and through which gender identities are manifested, the way in which the individual inserts himself into the world with his singularities and subjectivities. The concepts of performance, performativity, *queer* theory, deviant bodies and identities, compulsory heterosexuality and compulsory motherhood were analyzed to better elucidate the theme. It was concluded that sex does not cause gender and this, in turn, does not present itself as a consequence of the first, they are independent categories, in which men and male can express both a male and a female body, and women and female, both a female and a male body. In the research, doctrinal review was used, with contributions from thinkers like Judith Butler, Simone Witting, Simone de Beauvoir, Michel Foucault and Bourdieu.

**KEYWORDS:** Genre. Sex. Nature/Culture. Bodies.

### 1 | INTRODUÇÃO

A dicotomia natureza/cultura é utilizada para explicar a distinção entre sexo e gênero: enquanto o primeiro estaria relacionado à natureza, o segundo estaria à cultura. Desse raciocínio, é possível extrair outros pares de dualismos, respectivamente: feminino/



masculino, mente/corpo, emoção/razão, objeto/sujeito, Outro/Eu. O objetivo desse estudo vai além, e busca analisar os contornos das categorias sexo e gênero, e questionar se há uma ligação ou dependência entre eles, a partir das contribuições de feministas como Simone de Beauvoir, Judith Butler, Simone Witting, e de sociólogos como Foucault e Bourdieu.

O corpo aparece nesse contexto como instrumento de representação social, modo de expressão do sujeito com suas subjetividades no mundo, em que o sexo estaria inserido nele, partindo do pressuposto que o ser humano é necessariamente sexuado, e por meio do qual as identidades de gênero se manifestam. Analisar-se-á também os conceitos de performance e performatividade, trazidos por Judith Butler (2009), bem como passagens sobre a teoria *queer* e corpos desviantes.

Em uma sociedade com predomínio da heterossexualidade compulsória, em que a formação de “homens” deveria advir, necessariamente, de corpos masculinos, e a expressão “mulheres”, da feminilidade, na qual as identidades em que o gênero não advém do sexo não têm espaço, faz-se importante ir de encontro a esses ditames e questionar até que ponto essas expressões seriam “naturais” ou “culturais”.

## 21 O CORPO COMO INSTRUMENTO DE REPRESENTAÇÃO SOCIAL

A subjetividade do corpo está relacionada não só à biologia, mas também à metafísica ou à filosofia. Nesse sentido, o corpo é um instrumento de percepção e desejo: é a partir dele que o homem é inserido no mundo, possibilitando experiências com o exterior, ou seja, através do corpo, conhece-se as matérias dispostas no mundo e deseja-as (MERECKI, 2014).

Wojtyla (2001) traduz o corpo como “meio de expressão da pessoa”, tendo em vista que o ser humano é sempre, ao mesmo tempo, inerente e transcendente em relação ao próprio corpo. A isso está relacionada a ideia de autopossessão e autodeterminação – a partir do momento que o homem possui a si mesmo, exercendo poder sobre a natureza, é que ele concretiza o seu ser pessoa (WOJTYLA, 2001).

O corpo humano tem sua importância no que tange às representações individuais e sociais associadas a ele, com origem na interação do seu objeto orgânico com o meio sociocultural (ANDRIEU, 2006). Ele se apresenta como resultante de uma construção simbólica e de um invento subjetivo, de acordo com as percepções e representações coletivas e individuais (ANDRIEU, 2006). Neste contexto, as representações sociais são modos de conhecimento do universo, a partir de interações entre as pessoas, possibilitando dar significado a fatos novos ou desconhecidos (JODELET, 1986).

O corpo seria, então, uma construção social, por meio do qual uma gama de significados culturais é manifestada (BUTLER, 2020). É através dele que o ser humano se expressa em sociedade com suas singularidades.

Meu corpo está, de fato, sempre em outro lugar, ligado a todos os outros lugares do mundo e, na verdade, está em outro lugar que não o mundo. Pois é em todo dele que as coisas estão dispostas, é em relação a ele – e em relação a ele como em relação ao um soberano – que há um acima, um abaixo, uma direita, uma esquerda, um diante, um atrás, um próximo, um longínquo. O corpo é o ponto zero do mundo, lá onde os caminhos e os espaços do mundo, lá onde os caminhos e os espaços se cruzam, o corpo está em parte alguma: ele está no coração do mundo, este pequeno fulcro utópico, a partir do qual eu sonho, falo, avanço, imagino, percebo as coisas em seu lugar e também as nego pelo poder indefinido das utopias que imagino (FOUCAULT, 2013, p. 14).

Ademais, o corpo tem relação próxima com o discurso, em que o corpo emerge como uma nova maneira de se sujeitar, de visualização do ser humano com sua historicidade e imerso na cultura que o constitui, associado à ideologia e à linguagem: “Trata-se do corpo que olha e que se expõe ao olhar do outro. O corpo intangível e o corpo que se deixa manipular. O corpo como lugar do visível e do invisível” (FERREIRA, 2013, p. 78). Como afirma Butler, “os discursos, na verdade, habitam corpos. Eles se acomodam em corpos: os corpos na verdade carregam discursos como parte de seu próprio sangue” (BUTLER, 2002, p. 9).

Com isso, os indivíduos criam suas próprias maneiras de construir, vivenciar e transformar seus corpos, seja por meio da manifestação de um desejo desviante, como os homossexuais, ou de um processo distinto de construção corporal, como os transexuais e travestis, ou até mesmo através de performances artísticas como os *drag queens* ou *drag kings*. Todos esses sujeitos podem ser compreendidos como *queers*, que engloba toda forma de vivência sexual que foge à heteronormatividade (OLIVEIRA; GOMES; COSTA, 2020). A Teoria *Queer* surgiu, então, para questionar esse modelo heterossexista predominante.

É através desse corpo que relações de poder (tido por “heterotópico”, segundo Foucault) são travadas, e pelas quais os *queers* percorrem, em um processo de resistência e de subversão. A heterotopia seria um lugar totalmente diferente dos já existentes, um contra-espaço que resiste, onde os *queers* podem ser quem almejam. Foucault a opõe às utopias, que podem ser entendidas como processos inalcançáveis, em que o corpo seria perfeito, limpo e livre de pecados, ou seja, algo absolutamente inexistente (FOUCAULT, 2013).

Nesse contexto, surge o que se entende por performatividade, conceito trazido por Butler (2009) e compreendido como um processo não natural formador dos corpos. Isto é, seria a repetição de atos desempenhados pela sociedade em geral, numa convergência de normas socialmente impostas, a fim de se ajustar aos comandos disponíveis (BRAVO, 2015).

De outro modo, a performance está relacionada mais a uma encenação, que necessita de atores e um corpo como instrumento de exteriorização. Ocorre, então, a

representação de si como sujeito, através da concretização de um personagem, e que faz com que o indivíduo negue a imposição socialmente consolidada (BRAVO, 2015). A performance seria um reflexo da performatividade, e fruto da manifestação de significados sob o enfoque da teatralização e condensação de estilos, no dizer de Judith Butler (2009).

O masculino e feminino e, portanto, o gênero, seriam representações de papéis, fruto de comportamentos e performances encenados, que independem dos corpos biológicos (BUTLER, 2009). Através da performatividade, como forma de reafirmar normas reguladoras, e na tentativa de domínio de representações sociais pela performance, o corpo acaba sendo o instrumento de consolidação da ideologia heteronormativa (BRAVO, 2015).

É por meio desse processo de estilização do corpo que o ser humano expõe sua identidade e diferenciação. Dentro dessa temática, faz-se importante ressaltar que os corpos desviantes (*queer*) são constrangidos pelas instituições que ditam o padrão a ser seguido pela cultura dominante, e se tornam subversivos por divergir dessa normatividade socialmente aceita. O corpo *queer* não obedece à lógica heteronormativa, e coloca em discussão a diversidade que desestabiliza os conceitos de gênero e sexualidade preconcebidos (BRAVO, 2015).

### 3 | NATUREZA/CULTURA VERSUS SEXO/GÊNERO

Simone de Beauvoir aduz, em *O Segundo Sexo*, que “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (BEAUVOIR, 1973, p. 301). Isso significa que o gênero é uma construção cultural, e não há nada em sua obra que permita afirmar que a compulsão à feminilidade, no caso da mulher, tem origem no sexo. Nesse sentido, as roupas, trejeitos, e o modo de se expressar, de forma geral, que foram atribuídos como sendo características da mulher nos dias de hoje, advêm de imposições normativas e sociais, e não do seu corpo sexuado como tal.

A fim de explicar a afirmação de Beauvoir, Judith Butler (2020) esclarece que a mulher seria uma concepção em construção, em contínuo processo, aberta a intervenções e ressignificações, e por isso não teria uma origem ou um fim. Além disso, necessariamente o ser humano é um ser sexuado (são realidades que coexistem), mas ninguém nasce com o gênero: este é adquirido, variável, e fruto de construções culturais. E, com isso, o sexo não causa o gênero, e este não pode ser compreendido como uma consequência do primeiro, são conceitos independentes (BUTLER, 2020).

Para Beauvoir, as mulheres são designadas como o Outro, o negativo dos homens; o oposto da figura masculina e com a qual se diferencia (BEAUVOIR, 1973). Nesse mesmo sentido, para Julia Kristeva (1983), a mulher sempre esteve na condição de Outro, sem identidade própria, vista como objeto e não como sujeito de direitos. De outro modo, Irigaray (1985) sustenta que, dentro do contexto de uma cultura predominantemente falocêntrica, as mulheres seriam o *irrepresentável*, uma ausência/falta, aquilo que não pode ser pensado,

em que haveria uma total exclusão do feminino.

De acordo com Judith Butler, “se alguém ‘é’ uma mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém é” (BUTLER, 2020, p. 21). Isso porque o gênero estabelece relação com questões raciais, de classe, étnicas, regionais e sexuais. Não se pode, portanto, pensar na ideia de “gênero” sem associar a construções sociais, políticas e culturais de que ela emerge (BUTLER, 2020). A título de exemplo, a vivência da mulher negra é diferente das experiências da mulher branca, bem como a história de uma pessoa homossexual difere dos relatos de alguém heterossexual, e o gênero, por si só, não dá conta de todas essas variações e subjetividades.

O gênero é, de um certo modo, 'o sexo social' ou a diferença dos sexos construída socialmente, conjunto dinâmico de práticas e de representações, com atividades e papéis atribuídos, atributos psicológicos, um sistema de crença (THÉBAUD, 1998, p. 114).

Segundo Butler (2020), a diferença entre sexo e gênero está no fato de que, enquanto o primeiro está mais relacionado a questões biológicas, o segundo tem origem em uma construção cultural e por isso não se mostra como sendo consequência do primeiro. Disto decorre que a formação de “homens” não advém, necessariamente, de corpos masculinos, bem como o vocábulo “mulheres” não se aplica apenas à ideia de feminilidade.

A autora vai além e explica que quando se tem o gênero como algo independente do sexo, aquele passa a ser algo totalmente fluido e, conseqüentemente, “homem e masculino podem, com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino como um masculino, e mulher e feminino, tanto um corpo masculino como um feminino” (BUTLER, 2020, p. 26).

A antropologia estruturalista de Lévi-Strauss, incluindo o dualismo natureza/cultura, foi utilizada para explicar a diferença sexo/gênero: o sexo (pré-normativo, vem antes da lei) está para a natureza, assim como o gênero está para a cultura (BUTLER, 2020). Marilyn Strathern e Carol MacCormack (1980) sustentam que a natureza é “feminina”, e necessita ser subordinada pela cultura, tida como masculina – razão e mente estariam, portanto, relacionadas à masculinidade e ação, enquanto que o corpo e natureza seriam a “facticidade muda do feminino”, no aguardo de significação dada pela cultura, que representa o masculino.

Contudo, o próprio conceito do sexo-como-matéria, do sexo-como-instrumento-de-significação-cultural, é uma formação discursiva que atua como fundação naturalizada da distinção natureza/cultura e das estratégias de dominação por ela sustentadas. A relação binária entre cultura e natureza promove uma relação de hierarquia em que a cultura “impõe” significado livremente à natureza, transformando-a, conseqüentemente, num Outro a ser apropriado para seu uso ilimitado, salvaguardando a idealidade do significante e a estrutura de significação conforme o modelo de dominação (BUTLER, 2020, p. 74).

Gayle Rubin (apud BUTLER, 2020) entende que o dualismo sexo/gênero é dirigido pelas instituições culturais (a família e a heterossexualidade compulsória, por exemplo).

A autora defende que antes da transformação do homem e mulher com seus traços biológicos em masculino e feminino marcados pelo gênero, “cada criança contém todas as possibilidades sexuais acessíveis à expressão humana” (RUBIN, apud BUTLER, 2020, p. 132).

A cultura através da qual a identidade de gênero (entendida como uma conexão entre sexo, gênero, prática sexual e desejo) se faz compreensível, prescreve que determinadas “identidades” se calem, não possam existir – mais precisamente aquelas em que o gênero não advém do sexo. Com isso, a heterossexualização do desejo opõe o “masculino” ao “feminino”, sendo que o primeiro deve ser expressão do “macho” e o segundo, da “fêmea”. Isto impede, por assim dizer, uma multiplicidade de sexualidades que desfaz a supremacia heterossexual (BUTLER, 2020).

Segundo Simone Witting (apud BUTLER, 2020):

[...] a restrição binária que pesa sobre o sexo atende aos objetivos reprodutivos de um sistema de heterossexualidade compulsória; [...] a derrubada da heterossexualidade compulsória irá inaugurar um verdadeiro humanismo da ‘pessoa’, livre dos grilhões do sexo (WITTING, apud BUTLER, 2020, p. 47)

Nos ensinamentos de Foucault (1988), ter um corpo sexuado é estar submetido a imposições sociais, que norteiam os desejos, os prazeres e o gênero. Nesse sentido, a sexualidade é modelada para levar à cabo a função reprodutiva da mulher, ou seja, o desejo de ter um filho produz comportamentos sociais para concretizá-lo. A instituição da maternidade aparece como sendo pré-cultural, compulsória para as mulheres, em que o corpo feminino é coisificado através da sua função reprodutora, tida como uma necessidade natural (BUTLER, 2020).

Nesse contexto, Luce Irigaray (1974) questiona: “E quando é que os homens irão cessar de relacionar a sexualidade de uma mulher com seus órgãos reprodutores e afirmar seu valor somente se inserida no legado da maternidade?” (IRIGARAY, 1974, p. 146, em tradução livre). Abre-se um parêntese nessa observação feita pela autora, para estender a maternidade compulsória como uma visão de toda a sociedade, em geral, e não só dos homens (como sinônimo de masculino).

Para Witting (1985), não há diferença entre sexo e gênero, pois o termo “sexo” traz, em si, características do gênero. E, continuando o seu raciocínio, a autora afirma que a lésbica não é uma mulher, já que esta é uma oposição ao masculino, e esta relação homem/mulher diz respeito à heterossexualidade. Nesse contexto, a lésbica vai além desse binarismo, ultrapassando as categorias do sexo – seria, então, um terceiro gênero (WITTING, 1985).

Sylviane Agacinsky (2012) entende que o sexo não determina a sexualidade, mas a sexualidade, por sua vez, não anula o sexo. As expressões “masculino” e “feminino” têm sua conceituação definida pela cultura, em que homens e mulheres são situados dentro de um contexto social com as características atribuídas ao que se chama de gêneros

(AGACINSKI, 2012).

Agacinsky refuta o pensamento de Judith Butler, para quem sexo e gênero seriam categorias totalmente independentes. De forma contrária, Sylviane defende que o gênero resulta das relações sociais do sexo (organização familiar, política, jurídica e econômica), pois a ideia de “gênero” não abole a diferença entre homem e mulher, e permite compreender a história e a estrutura androcêntrica da sociedade. Com isso, a autora entende que o masculino não pode ser pensado sem o feminino e vice-versa, em que o gênero representa a construção (cultural, histórica e social) do sexo, ou seja, são termos intimamente relacionados (AGACINSKY, 2012).

Contudo, faz-se importante ressaltar que há sujeitos que a construção do gênero coexiste com sexo indeterminado: são os intersexuados (não podem ser enquadrados nem como homem, nem como mulher, mas podem ser masculino ou feminino), mostrando que sexo e gênero são conceitos independentes entre si (OAKLEY, 1972). No caso dos transexuais, por exemplo, os papéis de gênero vão de encontro ao sexo biológico, contradizendo-o (OAKLEY, 1972). Portanto, o argumento trazido por Agacinsky de que o gênero representa a construção do sexo não explica a existência dos intersexuados e transexuais.

Ademais, de acordo com Witting (1981), “masculino” e “feminino”, “macho” e “fêmea” são termos que se fazem presente apenas no âmbito da heterossexualidade. Segundo ela, “somos obrigados, em nossos corpos e em nossas mentes, a corresponder, traço por traço, à ideia de natureza que foi estabelecida para nós [...] ‘homens’ e ‘mulheres’ são categorias políticas, e não fatos naturais” (WITTING, 1981, p. 17).

[...] o estereótipo funciona como uma máscara. Os homens devem vestir a máscara do macho, da mesma forma que as mulheres devem vestir a máscara de submissas. O uso das máscaras significa a repressão de todos os desejos que caminharão em outra direção. Não obstante, a sociedade atinge alto grau de êxito neste processo repressivo, que modela homens e mulheres para relações assimétricas, desiguais, de dominador e dominada. (SAFFIOTI, 1987, p. 40).

Foucault (1988) afirmava que “o homossexual” é construído, no sentido de que a partir de 1870, quando o indivíduo se descobria desejando alguém do mesmo sexo, não estava simplesmente tendo um desejo ou se manifestando afetivamente, mas ele se identificava como sendo parte de um subconjunto da humanidade. Não se trata, pois, de um resultado de influências ambientais ou externas, mas intrínsecas ao próprio ser humano (FOUCAULT, 1988).

Como afirma Karine Silva (2015, p. 31), “o reconhecimento de identidades implica no processo de atribuição de diferenças”. Nesses termos, orientação sexual seria a capacidade de cada um ter atração sexual, afetiva ou emocional por pessoas do mesmo, de diferente ou de mais de um gênero (SILVA, 2015). Com isso, são considerados grupos subalternizados: os gays, as lésbicas, os e as bissexuais, as travestis, os transexuais

homens e as transexuais mulheres, os/as intersexuais, os/as pansexuais, pessoas andróginas, as drag queen, os drag king, os/as T- lovers, os/as transformistas, pessoas transgêneras e outras formas de vivência humana que desviam da heteronormatividade (SILVA, 2015).

Segundo Bourdieu (2012), a heterossexualidade foi tida como o normal, e tudo que desviasse dessa imposição normativa seria anormal. Nesse sentido, a sociedade tem suas bases fixadas na heteronormatividade como algo a ser seguido. Assim, à homossexualidade seria reservado o lugar de silêncio, discriminação e segregação:

[...] atitude de hostilidade contra as/os homossexuais; portanto, homens ou mulheres. [...] é uma manifestação arbitrária que consiste em designar o outro como contrário, inferior ou anormal; por sua diferença irreduzível, ele é posicionado a distância, fora do universo comum dos humanos. Crime abominável, amor vergonhoso, gosto depravado, costume infame, paixão ignominiosa, pecado contra a natureza, vício de Sodoma – outras tantas designações que durante vários séculos, serviram para qualificar o desejo e as relações sexuais ou afetivas entre pessoas do mesmo sexo (BORRILLO, 2010, p. 13).

Não ter o reconhecimento social como heterossexual efetivo é perder uma identidade social possível em troca de uma que é radicalmente menos sancionada. O “impensável” está assim plenamente dentro da cultura, mas é plenamente excluído da cultura *dominante* (BUTLER, 2020, p. 139).

Simone Witting sustenta que o discurso e a forma de pensar hétero oprime a todos, mulheres e homens homossexuais, porque eles “aceitam sem questionar que o que funda a sociedade, qualquer sociedade, é a heterossexualidade” (WITTING, 1980, p. 105). A heterossexualidade compulsória, portanto, acaba por transmitir uma ameaça: “você-será-hétero-ou-não-será-nada”. Dentro desse sistema, mulheres, lésbicas e gays não têm lugar de fala, exclusivo àqueles que atendem aos ditames da heteronormatividade (WITTING, 1980).

Como ensina Norberto Bobbio (1992), a realidade social é plural e complexa, e a convivência de diversas crenças têm o recorte das minorias, que precisam ser legitimadas, sendo a tolerância um modo de lidar com tais diversidades e complexidades.

De acordo com Judith Butler: “Os gêneros não podem ser verdadeiros nem falsos, reais nem aparentes, originais nem derivados. Como portadores críveis desses atributos, contudo, eles também podem se tornar completa e radicalmente *incríveis*” (BUTLER, 2020, p. 244).

## 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do exposto, tem-se que, diante do dualismo natureza/cultura, os termos sexo e gênero são independentes, em que o segundo não representa a consequência do primeiro, o que poderia ser explicado pela existência dos intersexuados, transexuais, e dos *queers*, de maneira geral.

Propõe-se, com esse trabalho, um olhar para o futuro, de modo a promover uma libertação das amarras da heterossexualidade compulsória, para legitimar a existência dos que não obedecem a essa norma, e com seus corpos desviantes, colocam-se no mundo de uma outra maneira, que foge da cultura dominante. De forma análoga, é preciso observar a mulher não em sua função unicamente reprodutiva, a partir da reificação do corpo feminino, ou como um ser *irrepresentável*, no dizer de Luce Irigaray, ou como o Outro, como afirmava Simone de Beauvoir, mas como sujeito de direitos, um ser único e completo.

Portanto, observa-se como a cultura exerce influência sobre a sexualidade e identidade de gênero dos indivíduos, ditando como os sujeitos devem se vestir, comportar-se e agir para fazer parte da cultura dominante heterossexista, e aqueles ditos subversivos habitam o que se chama de heterotopia.

Conclui-se este trabalho com uma passagem do “Manifesto *Queer Nation*” (2016), que pode ser interpretada como uma alusão aos *queers* presentes na rebelião de Stone Wall Inn, em 1969, e às feministas que deram origem à teoria *queer*: “nossas irmãs mais fortes disseram aos nossos irmãos que havia duas coisas importantes para se lembrar sobre as revoluções que vêm. A primeira é que vamos apanhar. A segunda é que vamos vencer” (p. 4).

## REFERÊNCIAS

AGACINSKI, Sylviane. **Femmes entre sexe et genre**. Paris: La Librairie Du XXI<sup>e</sup> Siècle – Éditions Du Seuil, 2012, p. 5-16; 39-54.

ANDRIEU, B. **Le dictionnaire du corps em sciences humaines e sociales**. Paris: CNRS Editions, 2006.

BEAUVOIR, S. **The Second Sex**. Trad. E. M. Parshley. Nova York: Vintage, 1973.

BOBBIO, N. **A Era dos Direitos**. Tradução: Carlos Nelson. Rio de Janeiro: Campus, 1992.

BORRILLO, D. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. Tradução de Guilherme João de Freitas. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena. 11<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRAVO, J. **Do “eu” ao “outro”**: a estilização do corpo queer. **Periódicus**, Salvador, n. 3, v. 1, mai.-out. 2015.

BUTLER, J. **Cuerpos que importan**. Buenos Aires: Paidós, 2002.

BUTLER, J. Performativity, precarity and sexual politics. **Revista de Antropología Iberoamericana**, vol 4, Nº 3, setembro/dezembro 2009.



BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

FERREIRA, M. C. L. **O Corpo como materialidade discursiva**. REDISCO: Vitória da Conquista, v. 2, n. 1, p. 77-82, 2013.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, M. **O corpo utópico I As heterotopias**. São Paulo: N-1 Edições, 2013.

IRIGARAY, L. **The Sex Which is Not One**. Trad. Catherine Porter e Carolyn Burke. Ithaca: Cornell University Press, 1985.

IRIGARAY, L. **Speculum de l'autre femme**. Paris: Ed. de Minuit, 1974.

JODELET, D. La representación social: fenómenos, concepto y teoría. In: S. Moscovici (Ed.), **Pensamiento y vida social**. Barcelona, España: Paidós, 1986, p. 469-494.

KRISTEVA, J. **Histórias de amor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Tradução dos Artigos: Tomaz Tadeu da Silva. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

MACCORMACK, C.; STRATHERN, M. (Orgs.). **Nature, Culture and Gender**. Nova York: Cambridge University Press, 1980.

MANIFESTO *QUEER NATION*. Tradução de Roberto Romero. **Cadernos de Leitura**, Belo Horizonte, n. 53, novembro 2016. Disponível em [https://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2016/11/SI\\_cad53\\_ManifestoQueerNation.pdf](https://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2016/11/SI_cad53_ManifestoQueerNation.pdf). Acesso em 21/05/2021.

MERECKI, J. **Corpo e transcendência: A antropologia filosófica na Teologia do Corpo de São João Paulo II**. Brasília: Edições da CNBB, 2014, p. 64-76.

OAKLEY, A. **Sex, Gender and Society**. Nova York: Harper, 1972.

OLIVEIRA, M. L. S.; GOMES, S. H. A.; COSTA, D. P. Meu corpo, meu lugar ou como o corpo *queer* é uma heteropia para além de cultura. In: GOMES, S.; OLIVEIRA, M. (Orgs.). **Disputas na sociedade midiaticada: controvérsias, conflitos e violência**. Goiânia: Gráfica UFG, 2020, p. 57-78.

SAFFIOTI, H. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SILVA, K.N. **Fala garot@ sobre sexualidades nas famílias e nas escolas: Vozes juvenis que ecoam e transgridem**. Salvador: UCSAL/PPGFSC, 2015. Disponível em <http://ri.ucsal.br:8080/jspui/handle/123456730/123>.

THÉBAUD, F. **Écrire l'histoire des femmes**. Fontenay-aux-Roses: ENS Éditions, 1998.

WITTING, S. One is Not Born a Woman. **Feminist issues**, v. 1, n. 2, 1981.

WITTING, S. The Mark of Gender. **Feminist issues**, v. 5, n.2, 1985.

WITTING, S. The Straight Mind. **Feminist issues**, v. 1, n. 1, 1980.

WOJTYLA, K. **Persona e atto**. Milão: Bompiani, 2001. 765p.

## **SOBRE A ORGANIZADORA**

**VANESSA RIBEIRO SIMON CAVALCANTI** - Historiadora e professora universitária. Pós-doutorado em Direitos Humanos e Tempo Presente pela Universidade de Salamanca, Espanha (CAPES e CNPq). Doutorado em Humanidades - Universidade de León, Espanha. Na área acadêmica, é professora e pesquisadora sênior da Universidade Católica do Salvador no Doutorado e Mestrado em Políticas Sociais e Cidadania. Docente permanente no Programa de Pós-Graduação Programa em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo na Universidade Federal da Bahia (PPGNEIM/UFBA). Fundadora e integrante do Núcleo de Estudos sobre Educação e Direitos Humanos (NEDH/UCSAL/CNPq). Investigadora associada do Instituto de Sociologia da Faculdade de Letras, da Universidade do Porto (Portugal), onde foi professora visitante (CAPES, 2019/2020). Membro da Associação Portuguesa de Sociologia, Associação Nacional de História (Brasil) e da Centro de Investigação em Educação de Adultos e Intervenção Comunitária (CEAD/ Universidade do Algarve, Portugal). CV: <http://lattes.cnpq.br/6538283866214716>. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-5689-8206>

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Androcentrismo 45

Ativismo digital 24, 26

### B

Brasil 1, 4, 6, 8, 9, 12, 13, 14, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 27, 29, 30, 34, 45, 47, 50, 51, 52, 53, 54, 59, 67, 68, 70, 79, 82, 84, 85, 86, 89, 93, 99, 111, 115, 116, 117, 118, 120

### C

Candidaturas 26, 27, 28, 30

Ciberfeminismo 24, 26

Cidadania 1, 3, 89, 92, 94, 100, 120

Comportamento 11, 52, 54, 57, 59, 68, 109

Conciliação 41, 49, 62, 66, 68, 69

Constituição cidadã/Constituição Federal 16, 21, 47, 48, 94

Corpos 71, 72, 73, 74, 75, 77, 79

Covid-19 2, 3, 15, 17, 20, 22, 23, 56

Crianças 2, 5, 18, 21, 38, 69, 70, 90, 96, 100

Cultura 4, 13, 25, 26, 49, 60, 71, 73, 74, 75, 76, 78, 79, 80, 96

### D

Dignidade 4, 5, 82, 83, 85, 86, 89, 90, 91, 92, 93, 94

Direitos humanos 1, 5, 6, 12, 13, 20, 21, 22, 23, 84, 85, 88, 90, 93, 120

Diversidade 2, 3, 7, 14, 74, 83, 92, 94, 102

Divisão sexual do trabalho 36, 37, 38, 40, 41, 44, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70

### E

Economia 4, 44, 52, 53, 68, 95, 103, 104, 105, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 115, 118, 119

Eleições 24, 25, 29, 30, 31, 33, 34

Empreendedoras 51, 52, 55, 56, 57, 58, 59

Equidade/Igualdade 5, 6, 43, 47, 48, 49, 66, 69, 84, 91, 94, 105, 110

Exportações 110, 111, 112

### F

Família 4, 5, 8, 16, 20, 21, 22, 37, 38, 39, 40, 42, 44, 47, 55, 64, 65, 66, 68, 69, 75, 93, 98

Feminicídio 1, 14

Feminismos 1, 14

Filhos 8, 13, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 58, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 98

## **G**

Gênero 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 44, 45, 48, 49, 50, 52, 55, 58, 59, 62, 63, 64, 70, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 83, 85, 86, 94, 95, 97, 101, 120

Globalização 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 117

## **H**

Heteronormatividade 73, 78, 94

Histórias/Relatos de vida 52, 55, 57, 59, 80, 102

## **I**

Identidades 2, 24, 26, 71, 72, 76, 77, 88

Inovação/Sistema de inovação 34, 54, 103, 104, 108, 109

Internet 14, 24, 26, 34

Interseccionalidade/Interseccional 2

## **L**

Lei Maria da Penha 4, 8, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 22, 23

LGBTQIA+ / LGBT+ / LGBT / LLGBTQIA+ 2, 82, 83, 84, 85, 86, 88, 89, 92, 93, 94

Liberdade sexual 94

## **M**

Maternidade/Maternidades 24, 25, 26, 27, 31, 33, 34, 37, 45, 47, 49, 62, 68, 69, 70, 71, 76, 96, 98

Mulher/Mulheres 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 34, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 45, 46, 47, 48, 49, 51, 52, 53, 55, 56, 57, 58, 59, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 84, 85, 86, 93, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 120

## **N**

Negócios 52, 54, 55, 56, 58, 59, 60, 107, 116

Netnografia 24, 25, 26, 28, 35

## **P**

Partidos políticos 26

Política 6, 23, 24, 26, 27, 28, 31, 33, 34, 35, 51, 77, 90, 95, 97, 98, 99, 100, 101, 115, 118

Políticas públicas 1, 3, 4, 6, 7, 8, 11, 12, 14, 15, 21, 22, 49, 53, 70, 82, 83

## **Q**

Queer 71, 72, 73, 74, 79, 80, 83

## **R**

Redes sociais 24, 25, 27, 28, 30, 31, 34, 56

## **S**

Salários/Remuneração 45, 47, 49, 67, 107

Sexualidade 74, 76, 79, 80, 83, 85, 95, 96

Sistema de justiça 2, 3, 8, 11, 13

Sistema prisional 82, 83, 86, 92

Subjetividades 71, 72, 75

## **T**

Tecnologia 25, 60, 96, 108

Trabalho 3, 17, 26, 30, 34, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 52, 57, 58, 59, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 79, 82, 89, 95, 96, 113, 117

Trabalho doméstico 37, 62, 65, 66, 70

## **V**

Violência 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 80, 84, 93, 101





Violências sobrepostas 1, 2, 6, 13, 14

# INOVAÇÃO

# E GÊNERO:

Em busca de um mundo inclusivo



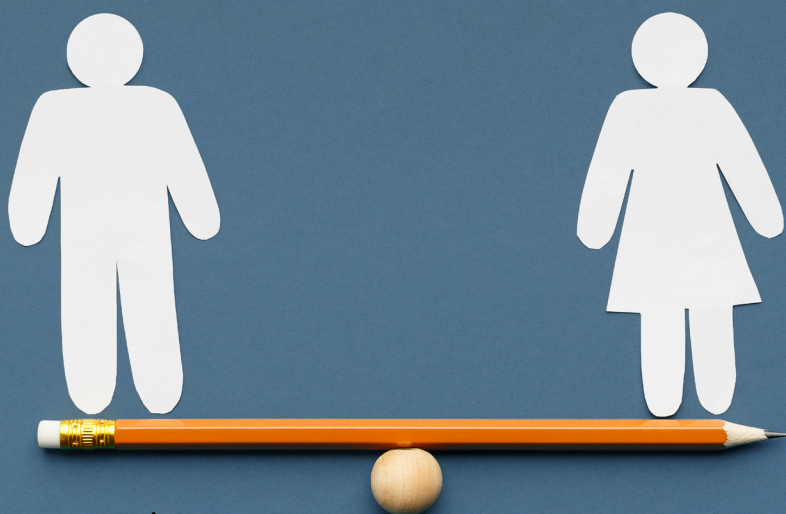
-  [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)
-  [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

**Atena**  
Editora  
Ano 2021

# INOVAÇÃO

# E GÊNERO:

Em busca de um mundo inclusivo



-  [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)
-  [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

**Atena**  
Editora  
Ano 2021